DOLOR BARREIRA

DJACIR MENEZES

Nesta "Revista" especialmente dedicada à história, quero fixar, em traços gerais e breves, a personalidade de Dolor Barreira como historiador de nossa literatura. Isso significa que deixo na sombra o civilista equilibrado e nítido das lições de direito sucessório, o escritor amante do estilo e dos clássicos o orador fluente e cálido, — para focalizar apenas o compositor da monumental e preciosa "História da Literatura Cearense", repositório inestimável hoje à disposição dos estudiosos.

Dotado de espírito crítico indispensável num historiador literário, jamais perde o sentido do equilíbrio, jamais se deixa imbuir do parti pris de escolas ou de sistemas que lhe deformem a avaliação das obras examinadas. Direi mesmo que ele nutre permanente simpatia por todas as manifestaçeõs de arte — romance, conto, novela, drama, poesia, quer no classicismo, quer no romantismo, quer no realismo. Busca o puro valor estético — e diz, com carinho e finura, a espontaneidade de sua admiração. Daí as transcrições sucessivas, que enriquecem o trabalho. Toda vez que depara uma joia — apressa-se logo a trazê-la, rebrilhando, ao leitor, na expressão original cuidadosamente trasladada, cotejada na edição pubicada pelo autor, desenterrada diretamente do arquivo.

Nesse ponto tenho de ater-me.

Porque é aí que avulta o valioso trabalho de Dolor Barreira. Conhecedor do nosso passado literário, desde moço começou a garimpar as obras antigas do Ceará, coligindo revistas, jornais, panfletos, fascículos e livros, formando um acervo da mais alta valia. Fê-lo com amor de estudioso que se desvela no estudo, muito antes de pensar em tornar-se o grande historiador que foi — e que, na sua modéstia impecável, nem mesmo chegou a perceber a latitude da significação de sua obra. O longo preparo que realizou não era premeditado, era um impulso natural de sua insopitavel vocação literária. Quem o conheceu, sempre o viu apaixonado pelas letras. Mas especialmente pelas letras cearenses. E como essas letras continuam e se ligam ao desenvolvimento espiritual do país, vindo de suas matrizes lusitanas, — o estudo de Dolor se dilatava ao velho Portugal, abrangia no mesmo

afeto as figuras modernas e remontava às classicas, nas leituras calorosas dos quinhentistas e seiscentistas, sem exclusões, numa larga e luminosa compreensão. Das irreverências de Eça e das insolências de Fialho às blandícias celestiais de Bernardes, — tudo era motivo de deleite e encantamento para seu espírito.

Por isso, quando lhe opunha restrições de ordem social ou ideológica, aludindo aos "mazorros clássicos lusitanos" tão avessos ao pensar filosófico, literatura rojada aos pés do trono e do altar, entre cortezãos realengos e sermões de clérigos, — Dolor logo descobria razões que amorteciam o gume dessas acusações. E lembrava a encantadora magia da prosa de um frei Luis de Souza, a fibratura potente do Camões épico, a graça gaulesa de Garret, entreabrindo nesgas de graça e beleza que o libelo parcialmente olvidava, no exercício do arpão desrespeitoso.

Ele não se detinha nos aspectos negativos, nem insistia nas sombras que mancham as paisagens da inteligência. Buscava sempre o lado magicamente harmonioso, o lado verdadeiramente feliz da realização artística atingido pelo esforço creador. Por isso, ante essa enorme "História da Literatura Cearense", alguns críticos resmungaram, meio de esguelha, que não passava de imensa compilação de documentos, — o que não lhe diminui, mas lhe aumenta poderosamente o grande serviço prestado à posteridade.

O seu inegavel labor teve essa consequência relevantíssima: opulentou as fontes coloniais do Ceará literário. Foi o primeiro a trazer ao conhecimento do sul toda a faina da Academia "francesa", dos jornais esquecidos, da escola noturna de Rocha Lima, Xilderico de Faria, João Lopes, Thomas Pompeu, Araripe Junior. Recolheu escritos esparsos no **Cearense**, na **Fraternidade**, na **Tribuna Católica**, noutros mais.

Dir-me-ão que já havia citações e transcrições de críticos, daqueles pedaços de literatura perdidos em jornais. Sim, decerto havia. Mas eram magras referências, espremidas nalgumas linhas e nalguns dados, por vezes alterados, que não sugeriam a grandeza e a força que tiveram. Depois do 1.º volume da "História", o painel espiritual se desdobra, e o estudioso compreende que não são manifestações ligeiras, reflexos de outros pontos do país, — mas obra de pensamento radicado, produto de elites bem cearenses e bem assentadas na tradição local, com substância deste nordeste sofrido, rijo como fibra de aroeira.

E muita coisa mais poderia dizer desta obra que Dolor Barreira construiu, secretariado pelo desvelo da professora Maria Conceição de Souza, à sombra do Instituto do Ceará, — e que represente a mais completa visão do passado literário de nossa terra.